

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - CÂMPUS DO LITORAL PAULISTA
BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS COM ÊNFASE EM BIOLOGIA
MARINHA

CAROLINA DAS NEVES SANTOS

**ECONOMIA SOLIDÁRIA EM BERTIOGA/SP: o caso da Feira “Artes e Aromas da
Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”**

SÃO VICENTE/SP

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - CÂMPUS DO LITORAL PAULISTA
BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS COM ÊNFASE EM BIOLOGIA
MARINHA

CAROLINA DAS NEVES SANTOS

**ECONOMIA SOLIDÁRIA EM BERTIOGA/SP: o caso da Feira “Artes e Aromas da
Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas com Ênfase em Biologia Marinha pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Instituto de Biociências - Câmpus do Litoral Paulista.

Orientador: Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo

SÃO VICENTE
2023

S237e Santos, Carolina das Neves
Economia solidária em Bertioga/SP : o caso da feira "Artes e
Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras" / Carolina das
Neves Santos. -- São Vicente, 2023
35 f. : tabs., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ciências
Biológicas) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto
de Biociências, São Vicente
Orientador: Davis Gruber Sansolo

1. biologia. 2. feiras. 3. economia solidária. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências, São Vicente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, antes de mais nada, aos meus pais. Obrigada por sempre me apoiarem em tudo que me proponho a fazer e estarem sempre ao meu lado, me incentivando e torcendo pelo meu sucesso. Nada seria possível sem vocês, meus eternos amores.

A todos os meus amigos e amigas que, de perto ou de longe, aguentaram minhas lamentações sobre o encerramento desse ciclo e me confortaram com tanto incentivo e palavras de apoio, obrigada!

Sou grata também a cada amigo e colega com quem pude cruzar caminhos nessa jornada universitária. Em especial, àqueles com quem tive o prazer de dividir a rotina mais intimamente. Com vocês aprendi tanto e pra sempre levarei comigo nossa amizade e os momentos incríveis que vivemos juntos!

República SOS, vocês foram meu porto seguro durante os anos vividos em São Vicente. Jamais esquecerei da nossa parceria e amizade. Obrigada por tanto... Vocês são minha família! Amo vocês!

Aos meus companheiros da Frente de Lutas Maré Vermelha, obrigada por tantos aprendizados e por terem pra sempre transformado quem eu sou e como enxergo o mundo. Minha experiência na Universidade não teria sido a mesma sem vocês e esse espaço de vivências tão intensas e importantes.

A todos os educadores que de alguma forma estiveram comigo durante a graduação, muito obrigada por compartilharem tantos conhecimentos.

Agradeço também aos meus colegas e amigos da Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”, que me inspiraram durante o desenvolvimento deste trabalho e que, tão solícitamente, contribuíram para essa pesquisa. Seguimos juntos! Muito obrigada também à toda equipe da Secretaria de Meio Ambiente, funcionários e estagiários, que nos apoia e dá suporte a cada edição da feira e foram indispensáveis na coleta de dados deste trabalho!

Por fim, mas não menos importante, agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo, que tão pacientemente aguentou meus atrasos e sumiços. Obrigada por me ajudar a encerrar esse ciclo tão importante!

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	MATERIAL E MÉTODO.....	9
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	10
	3.1 A concepção da Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”.....	10
	3.2 A feira e os princípios da Economia Solidária.....	13
	3.3 Preenchendo lacunas rumo a uma nova economia.....	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

A economia solidária tem sido estudada por diversos autores e, apesar de ser entendida sob diferentes perspectivas e dimensões, pode ser caracterizada como um modo de produção, consumo, prestação de serviços, finanças e comercialização, que abarca um conjunto de atividades econômicas, que se diferencia da tradicional economia capitalista ao se organizar de forma coletiva, priorizando a cooperação ao invés da competitividade (ROCHA; RAMÍREZ; PEDRAÇA, 2019). Alguns autores defendem, ainda, que é caracterizada pelo surgimento de grupos civis autônomos que desempenham atividades econômicas de forma divergente àquela praticada na lógica capitalista (BARRETO; PAULA, 2009).

Tem como princípios a autogestão, a solidariedade, a democracia, a cooperação, a participação coletiva, o igualitarismo e o cuidado com o meio ambiente. Tais valores norteiam as relações de trabalho e o processo de gestão no interior de seus empreendimentos, possibilitando o desenvolvimento sustentável e solidário. Portanto, visa o objetivo econômico, mas o faz de forma solidária e democrática, com vistas a uma melhor qualidade de vida a todos (BARRETO; PAULA, 2009). Representa, portanto, uma maneira de produzir, comercializar, consumir e gerenciar finanças que objetiva, além da dimensão econômica, a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (LEAL; RODRIGUES, 2018; SENAES, 2013; AMORIM, 2011).

Assim, de acordo com Paul Singer (2018), considerado o pai da economia solidária no Brasil:

A economia solidária é hoje um conceito amplamente utilizado dos dois lados do Atlântico, com acepções variadas, mas que giram todas em torno da ideia da solidariedade, em contraste com o individualismo competitivo que caracteriza o comportamento econômico-padrão nas sociedades capitalistas. O conceito se refere a organização de produtores, consumidores, poupadores, etc., que se distinguem por duas especificidades: (a) estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e (b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos.

Sua origem remonta ao século XIX, na Europa, tendo surgido como uma resposta à proletarianização do mundo do trabalho, a qual gerou o aparecimento de um movimento proletário associativo e as primeiras iniciativas autogestionárias (GAIGER, 2003). Sua chegada ao Brasil, entretanto, ocorreu de forma mais

acentuada nas décadas de 80 e 90, quando as crises enfrentadas no período, e a consequente precarização das relações de trabalho, geraram um processo de exclusão social, marginalização e aumento da pobreza que forçou muitos trabalhadores a buscarem alternativas para a geração de trabalho e renda e a manutenção de sua sobrevivência (GAIGER, 2003; LEAL; RODRIGUES, 2018). Desde então, e seguindo uma tendência mundial, observa-se o aumento de espaços econômicos nos quais predominam os valores da Ecosol (AMORIM, 2011).

Tais espaços, denominados Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), realizam atividades econômicas das mais diversas, desde a produção de bens e prestação de serviços à comercialização e fundos de crédito (MELO; LOCKS, 2019). No que se refere à comercialização, considerada um obstáculo a ser superado pelos EES, existem diversas iniciativas que buscam incentivar e fomentar o escoamento da produção, dentre as quais podemos destacar as Feiras de Economia Solidária (AMORIM, 2011).

A constituição e organização das Feiras de Ecosol são norteadas pelos valores da economia solidária - autogestão, solidariedade, democracia, cooperação, participação coletiva, igualitarismo, cuidado com o meio ambiente - e buscam fortalecer e incentivar o consumo de produtos e serviços oferecidos pelos EES, individuais ou familiares. Constituem um espaço de encontro e troca entre produtores e consumidores, onde estes podem fortalecer seus vínculos e criar proximidade. Também representam um espaço de lazer e cultura ao organizar atividades culturais e apresentações de artistas locais, oferecendo entretenimento para a comunidade e assim oportunizando ainda mais encontros e aprendizados. Dessa forma, as feiras de Ecosol criam oportunidades de negócios e promovem a integração e articulação dos empreendimentos - entre si e com outras instituições.

Além de serem um ambiente importante para a esfera econômica e cultural, também promovem a formação política e social de seus participantes, uma vez que demandam que os mesmos sejam protagonistas em sua organização, representação e participação, bem como possibilita vínculos sociais entre pessoas e grupos distintos, gerando reconhecimento, autoestima e visibilidade (AMORIM, 2011; ESTEVAM, 2016; MELO; LOCKS, 2019; SILVA, 2022). Sendo assim, permitem que seus participantes exerçam a economia solidária na prática, progressivamente,

enquanto se educam sobre o assunto e contribuem para a implantação de um empreendimento econômico solidário (SILVA, 2022).

No Brasil, tais feiras passaram a ocorrer a partir da década de 90 e foram fomentadas pelo governo federal ao longo dos anos 2000, aumentando em número desde então. São comumente realizadas em locais onde há grupos de economia solidária organizados ou em territórios onde os governos locais buscam fortalecer esse tipo de economia, como pode ser observado em iniciativas de municípios da Região Metropolitana da Baixada Santista (SILVA, 2022).

A Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS), situada no litoral centro paulista, compreende nove municípios e é uma das regiões mais importantes do país, tanto por seu caráter turístico quanto por abrigar os maiores complexos portuário, siderúrgico e petroquímico da América Latina (ZÜNDT, 2006).

Teve sua origem a partir da cidade de Santos, onde, já a partir da segunda metade do século XIX, o porto desempenhou papel importante no contexto nacional. Partindo desse polo, a urbanização e expansão da região se deu de forma mais intensa ao longo das décadas de 50, 60 e 70, quando a indústria e as atividades relacionadas ao turismo também ganharam papel de destaque no desenvolvimento da região, principalmente após as melhorias e incrementos na infraestrutura viária (AFONSO, 2006; ZÜNDT, 2006; NEPO/UNICAMP, 2007; CUNHA; FARIA, 2017).

Uma característica importante de se destacar sobre os municípios da RMBS é que abrigam grandes remanescentes florestais de Mata Atlântica e seus ecossistemas associados, como manguezais e matas de restinga. Por isso, grande parte de seus territórios estão amparados por leis de proteção ambiental e constituem diversos tipos de unidades de conservação (UCs). Essas UCs possuem diferentes normas e regramentos mas, no geral, influenciam diretamente nas possibilidades de uso e ocupação do solo, gerando diversos conflitos (INSTITUTO PÓLIS, 2013).

Os municípios da região são caracterizados, em sua maioria, por constituírem uma faixa estreita de território, limitada pela presença da faixa litorânea de um lado e pelo maciço da Serra do Mar do outro. Essa característica da paisagem gerou um padrão de ocupação ao longo do processo de urbanização da região. As residências de maior renda - geralmente domicílios de uso ocasional - concentram-se mais

próximas da orla, enquanto as de menor renda - predominantemente domicílios fixos - estão localizadas em áreas mais interiorizadas dos municípios, próximo às encostas da Serra do Mar (ZÜNDT, 2006; INSTITUTO PÓLIS, 2013).

Esse padrão também é observado em relação a disponibilidade e acesso a infraestrutura de saneamento básico e equipamentos públicos. Dessa forma, nas áreas de menor renda, problemas ambientais como a má disposição dos efluentes domésticos e ocupação e exploração irregular de áreas preservadas são frequentemente constatados nos municípios da RMBS (ZÜNDT, 2006; INSTITUTO PÓLIS, 2013).

Esses fatores, combinados a outros como a especulação imobiliária, o crescimento populacional e econômico e a urbanização, impõe conflitos acerca do uso e ocupação do solo nesta região. Por isso, é urgente que os governos locais busquem soluções para a compatibilização do uso do território, de forma que o desenvolvimento de seus municípios se dê de forma econômica e ambientalmente sustentável.

O município de Bertioga, localizado mais ao norte da RMBS, consolidou-se como Estância Balneária a partir da década de 50, quando melhorias nos acessos ao município favoreceu a possibilidade de um espaço para segundas residências de uma parte da população da capital paulista. Fato esse que culminou na exploração imobiliária da região, acarretando em uma migração populacional em busca de empregos nos setores de construção civil, comércio e serviços (INSTITUTO PÓLIS, 2013).

A expansão e urbanização de Bertioga se deu de forma semelhante ao observado em outros municípios da Baixada Santista, seguindo um padrão mais disperso e fragmentado. Tal modelo de ocupação está relacionado, como já destacado anteriormente, com as dinâmicas do mercado imobiliário e às limitações ambientais impostas pelo território, já que 91% de sua área é coberta por vegetação natural e boa parte desta está sob proteção de algum tipo de unidade de conservação. Sendo assim, o município enfrenta dificuldades e conflitos também semelhantes aos já destacados anteriormente (INSTITUTO PÓLIS, 2013).

É com essa problemática, da compatibilização entre crescimento econômico e desenvolvimento sustentável, em mente que olhamos para a economia solidária

como um caminho possível rumo ao desenvolvimento sustentável da região e à conciliação de seus conflitos a partir de uma perspectiva de inclusão social e geração de trabalho e renda compatíveis com a preservação do meio ambiente.

Propondo-se a acessar essa questão, a Prefeitura Municipal de Bertioga organizou a “Feira Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”, que tem por fim fomentar o movimento de Ecosol no território. Conhecida também apenas como “Feira de Ecosol”, esse espaço tem por objetivo reunir artesãos e pequenos produtores locais que desenvolvam produtos inspirados na cultura e na natureza do território, valorizando aspectos e matérias-primas locais. Além disso, procura promover um ambiente que oportunize o diálogo e a prática da economia solidária, buscando desenvolver a mesma no município.

Sendo assim, objetiva-se, com esse trabalho, direcionar um olhar mais atento a esse processo que, mesmo ainda embrionário, pode trazer luz para um tema que tem sido amplamente discutido nas últimas décadas e, mais que isso, se faz cada vez mais necessário diante da hegemonia de uma economia capitalista sempre mais perversa e que caminha na direção contrária do desenvolvimento sustentável.

Quais lacunas precisam ser preenchidas para que a implementação desse espaço solidário em Bertioga/SP se dê de forma mais efetiva e consonante com os princípios da Ecosol? Buscamos responder a essa pergunta partindo do ponto de vista daqueles que compõem o coletivo, os pequenos produtores e artesãos locais. O objetivo deste trabalho é, portanto, entender e relatar como teve início o movimento de economia solidária existente no município de Bertioga hoje, além de buscar discutir sobre o que seria preciso para preencher as lacunas identificadas e assim alavancar seu desenvolvimento.

2. MATERIAL E MÉTODO

Para a elaboração deste trabalho optou-se por realizar um estudo de caso, sendo uma abordagem empírica e abrangente que procura investigar um caso particular e bem delimitado (VENTURA, 2007).

Através de uma abordagem qualitativa e fazendo uso da estatística descritiva, busca-se uma melhor compreensão do fenômeno a partir de seu contexto e espera-se obter um delineamento mais aprofundado sobre o objeto de estudo,

possibilitando o levantamento de informações mais precisas e detalhadas sobre o fenômeno estudado, também por meio da visão global oferecida pela descrição estatística (PACHECO *et al.*, 2018; FREITAS; JABBOUR, 2011; VENTURA, 2007; GUEDES, 2005).

Ainda, possui cunho descritivo ao relatar um fenômeno social, sua estrutura e atividades, bem como sua complexidade e aspectos envolvidos (GODOY apud. SOUZA; SANTOS; ROCHA, 2020, p. 86).

Os dados foram coletados por meio de pesquisa documental e bibliográfica. Pode-se considerar também a observação direta como forma de coleta de dados, já que a autora é uma das artesãs participantes do coletivo da feira desde sua formação e, portanto, possui vivência direta com a mesma.

Foi conduzida uma entrevista semiestruturada com a Chefe da Divisão de Gestão do Centro de Educação Ambiental do Município de Bertioga (Secretaria de Meio Ambiente), responsável por encabeçar o projeto da feira. A partir da análise dos dados procurou-se adquirir um relato que contribuísse para o entendimento de como se deu o planejamento e a execução do mesmo, o qual foi traduzido mais adiante, nos resultados. Utilizou-se também de um questionário, inspirado no apresentado por Rocha, Ramírez e Pedraça (2019), aplicado junto aos expositores da feira, a fim de captar suas percepções sobre esse espaço econômico solidário e suas carências para, a partir daí, propormos possíveis maneiras de contornar conflitos e desafios.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A concepção da "Feira Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras"

A economia solidária passou a ser debatida no contexto do atual governo municipal de Bertioga em 2021. Através da Secretaria de Meio Ambiente (SMA), mais especificamente a Coordenadoria de Educação Ambiental, que tem participação em colegiados que discutem o tema - como o Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista (CONDESB) e o Fórum de Economia Solidária da Baixada Santista (FESBS) -, despertou-se o olhar

para a possibilidade de fomentar o movimento de Ecosol no território. Projetou-se então a realização de uma Feira de economia solidária, tendo como principal objetivo promover a autonomia financeira dos empreendedores locais ao aproximar expositores e consumidores, bem como representar um espaço de lazer e cultura para a população. Essa feira veio a ser a Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”, objeto de estudo deste trabalho.

Iniciou-se, então, em março de 2021, uma articulação com representantes de coletivos locais que carregavam características consonantes com os princípios da Ecosol, a fim de iniciar as discussões sobre a estruturação da feira. Foram conduzidas reuniões para discutir estratégias para implementação da mesma, seu funcionamento e outros tópicos relevantes. Em julho de 2021 chegou-se a um formato considerado adequado e iniciaram-se as tratativas para a execução das melhorias necessárias no espaço que abrigaria a feira, o Viveiro de Plantas e Ideias “Seo Léo”.

Cabe destacar aqui que a escolha do local levou em consideração tanto aspectos de infraestrutura pré-existente - banheiros, pátio amplo e coberto, cozinha -, como as ações já desenvolvidas no espaço, que se relacionam diretamente com os princípios da Ecosol. O viveiro municipal, além de desenvolver um projeto de doação de mudas nativas a munícipes, abriga o Núcleo de Educação Ambiental (SMA) da cidade e, por isso, desenvolve diversas ações e projetos ligados à conservação do meio ambiente, ao desenvolvimento sustentável e à valorização do território e seu bioma nativo.

Concomitante ao planejamento da feira, as discussões acerca desse movimento de Ecosol no município culminaram, em agosto de 2021, na concepção de um Marco Legal da Economia Solidária de Bertioga. Em formato de projeto de lei, esse marco foi baseado em um documento padrão produzido pelo FESBS como guia para os municípios da Baixada Santista.

O projeto de lei dispõe sobre o Programa de Fomento à Economia Solidária - designando sua competência às Secretarias de Desenvolvimento Social, Trabalho e Renda e de Meio Ambiente - e, além de seguir as diretrizes indicadas pelo FESBS, contempla especificidades do território. O projeto se encontra, no momento da elaboração deste trabalho, no gabinete do Prefeito e aguarda encaminhamento.

Uma vez delineada as questões logísticas e operacionais da feira, iniciou-se o cadastramento de pequenos empreendimentos, familiares e individuais, que possuísssem características compatíveis com os princípios da Ecosol. Divulgado pelos canais de comunicação da Prefeitura e realizado através de um formulário online, teve por objetivo mapear artesãos e produtores locais que pudessem ser abarcados e beneficiados por essa iniciativa.

Com o cadastro realizado, o próximo passo foi realizar um encontro, conduzido pelas secretarias municipais envolvidas, entre esses artesãos e produtores locais, o qual se deu no dia 25 de setembro de 2021. Esse encontro visou reunir as pessoas para que, além de se conhecerem e iniciarem uma aproximação, o poder público pudesse apresentar o projeto da feira e seus objetivos.

Além disso, proporcionou um espaço para que os participantes pudessem, juntos e de forma democrática, discutir aspectos cruciais sobre o funcionamento da feira. Foram colocados em pauta assuntos como regras gerais, horário e dias de funcionamento da feira, contribuição financeira e outros tópicos pertinentes, debatidos e acordados pelos artesãos e pequenos produtores presentes.

Após esse primeiro encontro e as decisões tomadas coletivamente, a Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras” passou a ser realizada aos sábados, a partir de 13 de novembro 2021, no Viveiro de Plantas e Mudas “Seo Léo”.

Figura 1: registro da 1ª edição da Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”.



Fonte: Centro de Educação Ambiental (SMA/Prefeitura Municipal de Bertioga).

Desde sua primeira edição, a feira passou a receber moradores e turistas em busca de um espaço de convivência e lazer no município. Pensando nisso, os expositores se organizaram para oferecer, gratuitamente, oficinas aos visitantes da feira. Assim, temas como alimentação saudável e com produtos locais e artes manuais em geral foram abordados. Além disso, artistas locais foram contratados, com verba proveniente da contribuição voluntária dos expositores, para se apresentarem na feira, animando o evento e gerando entretenimento e diversão para a comunidade.

Um pouco mais tarde, em fevereiro de 2022, uma parceria da Prefeitura Municipal com o SESC Bertioga consolidou a realização das oficinas. Financiadas por este, passaram a acontecer em todas as edições da feira desde então, ainda abordando temas da gastronomia e de artes manuais.

Atualmente, pouco mais de 1 ano após sua primeira edição, a feira acontece com menos frequência, sempre no segundo sábado do mês, e reúne uma média de 30 expositores locais a cada edição. As oficinas, após essa mudança, ocorrem em dois horários distintos, ainda explorando as mesmas temáticas. Após breve pausa nas apresentações de artistas locais, as contratações voltaram a acontecer graças à organização de um fundo financeiro da feira.

Esse fundo consiste em uma poupança mantida e monitorada por uma das artesãs, na qual as contribuições voluntárias, estabelecida em R\$15,00 (quinze reais) por expositor por edição, são aplicadas para, posteriormente, serem revertidas em ações de divulgação da feira e entretenimento durante o evento. O controle desse fundo é feito mensalmente, após a realização da feira, através da organização dos comprovantes de saída e entrada de dinheiro. Essas informações encontram-se organizadas e disponíveis em um armazenador de arquivo online compartilhado, de forma que todos os participantes podem acessá-lo e acompanhar essa movimentação de caixa.

Desde sua primeira edição, a Feira "Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras" vem ganhando espaço no município e reuniu, nas últimas edições de 2022, uma média de 120 pessoas por feira. Inspirada pelos princípios da economia solidária, continua buscando servir de instrumento para a construção de um espaço coletivo de troca de saberes, sabores e vivências.

3.2 A feira e os princípios da Economia Solidária

Sabemos que autogestão, democracia, solidariedade e cuidado com o meio ambiente são alguns dos princípios norteadores da prática de economia solidária. Logo, devem guiar as ações em um espaço solidário como a Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”, sendo incentivados e desenvolvidos em todas as suas esferas. Sendo assim, procuramos investigar, através de questionário aplicado junto a 18 expositores da feira, se esses princípios são identificados por eles na organização e funcionamento da feira de Ecosol de Bertioga.

A primeira seção de perguntas foi voltada a questões de perfil dos participantes e à participação dos mesmos junto à feira.

Identificou-se que 94,4% dos respondentes são do sexo feminino, tendência observada também em outros trabalhos (PONTES, 2017; SANTOS, 2017; ROCHA; RAMÍREZ; PEDRAÇA, 2019). Pelo prisma da inclusão social, pode-se avaliar esse resultado positivamente, já que as mulheres, junto com outros grupos, são frequentemente marginalizadas em sistemas patriarcais como o capitalismo (PONTES, 2017).

Quanto ao local de residência, 100% dos respondentes residem em Bertioga/SP. Resultado esperado, já que a feira tem por propósito movimentar a economia solidária neste município, onde o esforço de cadastramento dos produtores e artesãos foi realizado.

Quando questionados sobre sua principal fonte de renda, 66,7% dos respondentes indicaram que não se dedicam exclusivamente à produção artesanal, desempenhando, simultaneamente, outras atividades econômicas.

Em relação à faixa etária, 55,6% dos participantes têm entre 30 e 53 anos, 38,9% entre 54 e 65 anos e apenas 5,6% entre 18 e 29 anos.

A partir da combinação desses dados, é possível perceber que, em sua maioria, os expositores da feira estão em idade de trabalho e possuem uma outra fonte principal de renda, o que pode indicar a necessidade imposta aos trabalhadores de buscarem fontes alternativas de complementação da mesma para a satisfação de suas necessidades de subsistência.

Ainda nesse tópico, 50% dos expositores indicaram que sua participação é motivada pela oportunidade de divulgar sua marca e produtos, enquanto 22,2% buscam efetivar a comercialização e 16,7% foram motivados, desde o princípio, pela perspectiva de se envolver em um projeto com o viés da economia solidária. Em tempo, dois dos respondentes, representando 11,2%, indicaram que sua motivação provém de um combinado dos motivos mencionados anteriormente.

Na segunda seção de perguntas procurou-se entender se os participantes são capazes de reconhecer princípios e aspectos da economia solidária na organização e funcionamento da feira. Para tanto, foram apresentados a uma colocação e instruídos a classificar suas respostas em uma escala linear de 1 a 5, onde o indicador 1 representa total discordância com o colocado e o indicador 5 total concordância, conforme ilustra o quadro a seguir.

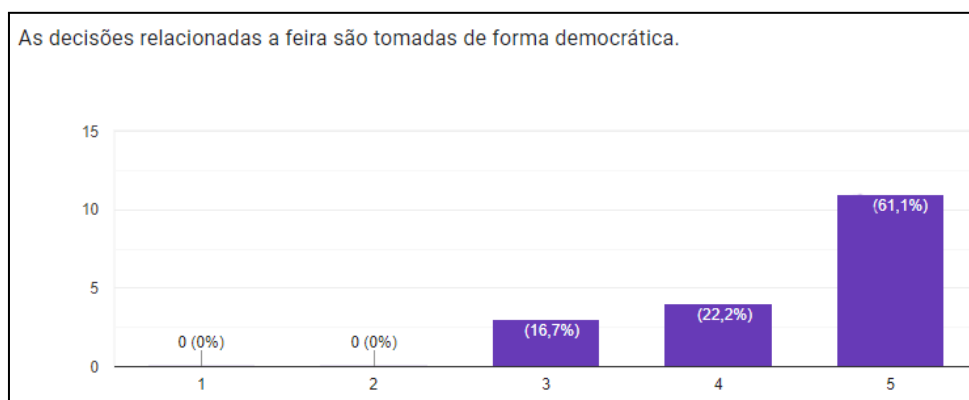
Quadro 1 - Nível de concordância de cada indicador apresentado.

INDICADOR	NÍVEL DE CONCORDÂNCIA
1	Discordância total
2	Discordância parcial
3	Nem discordância, nem concordância
4	Concordância parcial
5	Concordância total

Fonte: elaborado pela autora.

A primeira colocação refere-se às tomadas de decisões, a fim de avaliar se, na perspectiva dos expositores, as mesmas são feitas de forma democrática. Observou-se que a maior parte dos expositores, somando 83,3%, concordam/concordam totalmente com essa afirmação. Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que, desde o início, foi incentivado, por parte dos representantes do poder público, que os expositores participassem ativamente das discussões e tratativas sobre a feira. Desde o primeiro encontro, promovido pela Prefeitura Municipal, foi enfatizado que a feira deveria ser encarada como uma construção de um espaço coletivo, da qual todos deveriam se apropriar e participar ativamente.

Figura 2 - Gráfico referente à colocação sobre democracia.



Fonte: elaborado pela autora.

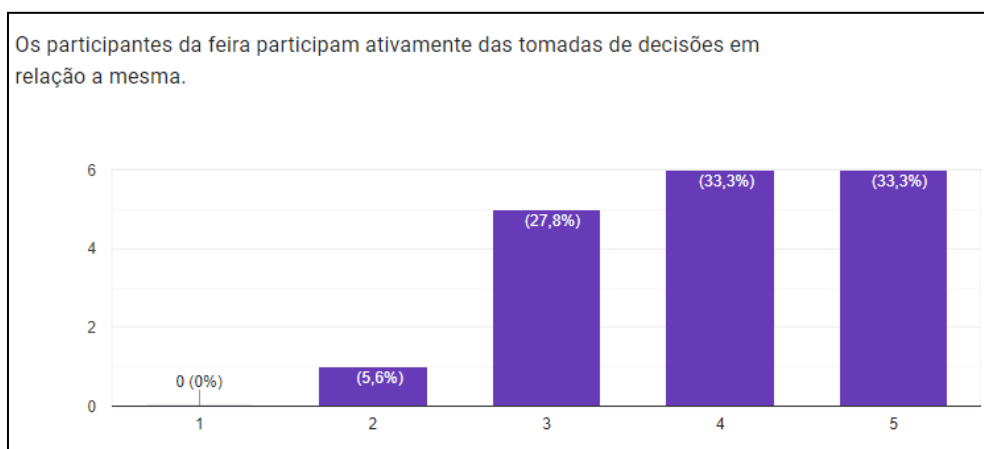
Diversas pautas e assuntos, quando necessitam ser discutidas - escolha de atrações, datas de reuniões presenciais, formas de divulgação, sugestões/colocações em geral e outras - são levantadas, seja por agentes do poder público ou expositores, no grupo do Whatsapp, e, assim, todos podem expor suas opiniões e pontos de vista. Após o debate, se necessário, é conduzida alguma votação para deliberação final, na qual cada participante tem direito a um voto.

Discussões mais complexas, como por exemplo quando da proposta de mudança da frequência de realização da feira, são conduzidas presencialmente, de modo que o diálogo possa fluir mais livremente, diminuindo possíveis atritos e mal entendidos e também potencializando essa experiência democrática.

É dessa maneira que os expositores são constantemente convocados a exercerem a democracia, garantindo participação e poder nas tomadas de decisão, e, assim, desenvolvendo processos educativos e de conscientização enquanto o fazem (SOUZA; SANTOS; ROCHA, 2020).

Outra colocação posta para análise referia-se à participação ativa dos expositores nas tomadas de decisão referentes à feira. Foi possível notar uma maior variação nas respostas, sendo que mais de um terço dos respondentes encontram-se do meio para o início da escala, ou seja, mais inclinados a discordar da afirmação em algum grau.

Figura 3 - Gráfico referente à colocação sobre participação ativa.



Fonte: elaborado pela autora.

A autogestão é central na caracterização de um empreendimento solidário e essa preconiza a participação efetiva de seus membros. Portanto, podemos entender que essa questão representa um ponto de atenção e deve ser trabalhado, já que o caráter coletivo e democrático das tomadas de decisão depende disso (BARRETO; PAULA, 2009).

Apesar deste ser um ponto de atenção, podemos destacar aqui duas ações em que a participação ativa dos expositores foi essencial para o desempenho das mesmas.

Logo no início da realização da feira, o grupo se organizou para que alguns expositores, dentro de suas capacidades e área de conhecimento, pudessem ministrar oficinas aos visitantes, de forma a incrementar a programação e atrair um público maior para a feira. Dessa forma, como já mencionado, a feira, desde seu início, já contava com oficinas sobre alimentação saudável e consciente e o fazer manual através do artesanato.

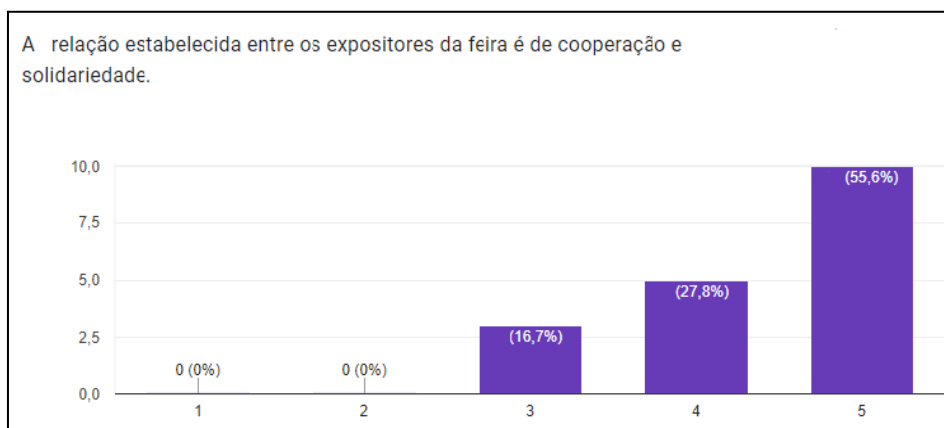
Em um outro momento, sentindo um déficit nas táticas de comunicação e divulgação da feira, os expositores decidiram se organizar e se reunir para confeccionar cartazes em formato de bandeirolas que pudessem ser colocados em pontos estratégicos da cidade, como pousadas, restaurantes e outros comércios relevantes. As bandeirolas foram confeccionadas pelos próprios expositores, que se reuniram no Viveiro “Seo Léo” para tal, com materiais arrecadados junto aos mesmos.

A terceira afirmação refere-se à relação estabelecida entre os expositores, buscando acessar se os mesmos constatam a prática de solidariedade e cooperação nessa relação.

Pode-se destacar a cooperação como um valor intrínseco à economia solidária, já que substitui a tradicional competitividade incentivada em empreendimentos capitalistas. Sua prática contribui para a redução das desigualdades e desequilíbrios sociais e possibilita que um grupo direcione esforços para um objetivo comum (SOUZA; SANTOS; ROCHA, 2020).

A maioria, 83,4%, dos respondentes concordam/concordam totalmente quanto a esse aspecto, enquanto apenas 16,7% não concordam nem discordam da afirmação. Esses números parecem refletir o clima ameno e amistoso observado nesse espaço coletivo onde, a despeito das diferenças, o grupo procura trabalhar em conjunto em prol da consolidação e expansão da feira.

Figura 4 - Gráfico referente à colocação sobre cooperação e solidariedade.



Fonte: elaborado pela autora.

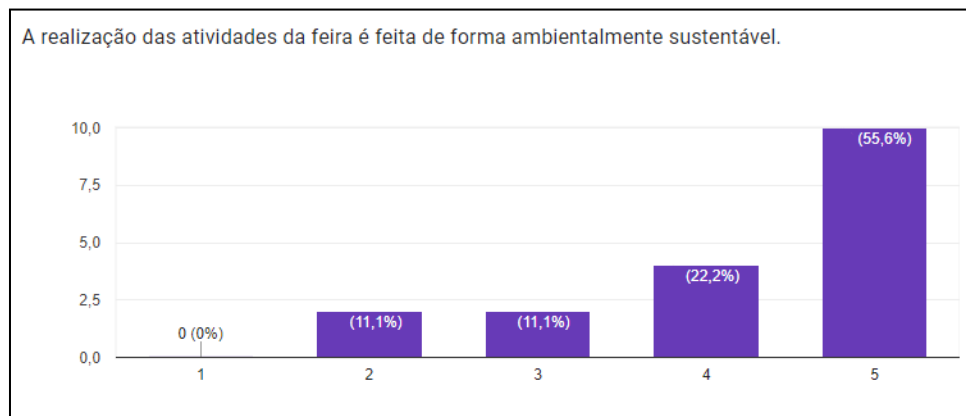
A quarta afirmação contempla a dimensão ambiental da realização da feira e procura verificar se os expositores avaliam que a feira é realizada de forma ambientalmente sustentável.

A preservação ambiental se relaciona com a economia solidária pois pode ser entendida como um aspecto da solidariedade, já que desenvolver atividades de forma ambientalmente responsável contribui para a manutenção dos recursos ambientais para as gerações futuras. Dessa forma, a solidariedade se estende para a sociedade como um todo (GALLO; MARTINS; PERES, 2005). Além disso, é um

aspecto intimamente relacionado com a proposta da feira que, já em seu nome, indica a premissa de valorização dos produtos da Mata Atlântica e da cultura local, objetivo que não pode ser alcançado sem levar em consideração o cuidado com o meio ambiente.

Diante da colocação apresentada, 77,8% dos respondentes concordam/concordam totalmente. Embora 22,2% dos respondentes assinalaram indicadores 2 ou 3, nota-se que os expositores conseguem identificar aspectos de sustentabilidade ambiental na execução da feira. Isso pode estar relacionado com o local onde a feira é realizada, na sede do Viveiro de Plantas e Ideias “Seo Léo”, onde diversas ações de educação ambiental e valorização da natureza local são desenvolvidas. Soma-se a isso o caráter sustentável e de uso e valorização de produtos nativos na produção das mercadorias comercializadas na feira.

Figura 5 - Gráfico referente à colocação sobre sustentabilidade ambiental.



Fonte: elaborado pela autora.

A partir desses resultados, entendemos que princípios importantes da economia solidária são identificados pelos expositores da Feira "Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras". Entretanto, esses não são valores típicos de trabalhadores em um sistema capitalista e, portanto, sua assimilação ocorre durante a construção de um projeto coletivo (BARROS; OLIVEIRA, 2019). Por isso, é fundamental que tais valores sejam continuamente discutidos, elaborados e incorporados à prática e à rotina de realização da feira.

A última seção do questionário destina-se a questões abertas que procuram analisar o entendimento dos respondentes em relação aos conceitos da economia solidária e também coletar percepções pessoais em relação à realização da feira.

Quando questionados se estão familiarizados com o conceito de economia solidária, 50% dos respondentes indicaram que sim, enquanto 44,4% afirmaram estar familiarizados “em partes” e 5,6% que não.

Na sequência, os respondentes foram convidados a dar uma resposta livre à questão “O que você entende por economia solidária?”. Como esperado, foi coletada uma ampla variedade de respostas, com diferentes níveis de complexidade. Contudo, é interessante notar que todas as respostas, à sua maneira, contemplam aspectos da economia solidária. Princípios como solidariedade, cooperação, cuidado com o meio ambiente e autogestão foram mencionados, bem como foi reconhecida como uma forma diferente de produzir e comercializar produtos, a qual diverge do modo convencional - capitalista - de operar um empreendimento econômico. As respostas coletadas são apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 2 - Respostas à pergunta “O que você entende por economia solidária?” coletadas junto aos expositores.

RESPOSTAS DOS EXPOSITORES À PERGUNTA “O QUE VOCÊ ENTENDE POR ECONOMIA SOLIDÁRIA?”
União de pessoas com o mesmo propósito, geração de empregos e sustentabilidade para o meio ambiente .
Não respondeu.
Entendo como uma forma de tratar as relações econômicas com participação comunitária, onde todos os envolvidos possam se beneficiar e aplicar conceitos de sustentabilidade.
A nossa economia nacional e mundial é concentrada nas principais empresas e mercados, onde pequenos grupos ficam mais ricos. Quando você colabora e compra de um pequeno empreendedor, você está sendo solidário com uma economia com mais autonomia.
É uma forma diferente de produzir, vender e comprar. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem.
Um conjunto de atividades econômicas organizadas.

Uma economia que não tem como principal objetivo lucros e sim a cooperação entre os produtores para uma qualidade de vida melhor.
Economia solidária é uma forma de praticar vendas e trocas levando em conta a sustentabilidade e os seres humanos.
Organização de atividades econômicas. Ela se caracteriza pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento, e pela igualdade entre os seus membros.
Creio que se trate de um grupo formado para produção e/ou geração de renda de forma coletiva. No caso da feira apenas para geração de renda, pois os produtos são variados. O que não desabona o conceito pois ele também é pautado na igualdade de participação nas decisões que importam para geral. É certamente muito conectado com a igualdade social, racial, religiosa e de gênero, tendo ainda incutido no âmbito do espaço todo o respeito pela natureza e buscando agir sempre com solidariedade. Entendo como muito desafiador a gestão do grupo pelo grupo de forma igualitária e em partes ainda utópico na sua totalidade, ainda que eu perceba que esse exercício firma, populariza e aperfeiçoa o agir do conceito.
Aquela que integra os produtores, com solidariedade, cooperação e respeito à natureza.
Tudo o que remete cuidar e salvar o planeta.
É uma economia que não é regida pela lógica de exploração do trabalho a partir da relação patrão (dono do meio de produção) X empregado.
Uma parceria de talentos, envolvendo a natureza, por meio socioeconômicos, em vendas de produtos artesanais, criados manualmente .
É um processo de integração que ocorre entre os participantes da feira e a comunidade.
É onde um grupo se reúne para se ajudar.
Respeito ao meio ambiente; usar materiais sustentáveis e ecológicos, promover o relacionamento produtor/comprador e, com isso, ser possível praticarmos o "preço justo" dos nossos produtos. Fechando assim o nosso ciclo produtivo.
É uma forma diferente de fazer economia, que diverge da economia capitalista... Nela, princípios como cooperação, democracia e solidariedade se sobrepõem a lógica de lucro e exploração. Constitui, assim, a possibilidade de uma economia mais justa e igualitária que aponta para uma sociedade como tal.

Fonte: elaborado pela autora.

Esse resultado parece indicar que os expositores, ao vivenciar a experiência da feira e se inserirem nesse espaço, são capazes de absorver, ao menos em partes, conceitos fundamentais para a compreensão da economia solidária.

Por último, foram questionados sobre as melhorias que, de acordo com a opinião dos respondentes, deveriam ser implementadas na feira. As respostas variaram entre assuntos relacionados à logística e funcionamento prático da feira e questões mais conceituais, referente à processos formativos e de aprofundamento das discussões sobre economia solidária. O quadro a seguir apresenta uma síntese das respostas coletadas no questionário.

Quadro 3 - Síntese das respostas à pergunta “Na sua opinião, quais ações e melhorias deveriam ser implementadas na feira?” coletadas junto aos expositores da feira.

SÍNTESE DAS RESPOSTAS À PERGUNTA “NA SUA OPINIÃO, QUAIS AÇÕES E MELHORIAS DEVERIAM SER IMPLEMENTADAS NA FEIRA?”
Divulgação.
Divulgação.
Continuidade das discussões sobre economia solidária.
Maior variedade de oficinas.
Comprometimento dos expositores com a feira.
Divulgação.
Mudança de horário para evitar competição com a praia.
Realização da feira também em outros espaços.
Apoio da prefeitura para divulgação.
Divulgação voltada para diversificação do público; definição de um estilo único de apresentações musicais para garantir estabilidade de público.
Sem sugestões.
Sem sugestões.
Divulgação.
Ações para aumentar o fluxo de visitantes.
Criação de regras para o funcionamento da feira.

Comprometimento dos expositores com a feira; criação de uma Associação ou Cooperativa.
Interação entre os expositores; divulgação.
Divulgação; promoção de espaços de formação, troca e aprendizado sobre economia solidária.

Fonte: elaborado pela autora.

Boa parte dos respondentes apontaram a divulgação da feira como um ponto a ser melhorado, sendo que a mesma é, atualmente, realizada principalmente através da internet.

Com o apoio da equipe do Centro de Educação Ambiental da Prefeitura, a cada edição são confeccionados *banners*, como os ilustrados na Figura 6, com as informações referentes à feira, como data e horário, local e as atrações a serem oferecidas - oficinas, expositores e atração musical. A partir daí, são disparados nas redes sociais e grupos de WhatsApp, esforço que, idealmente, é realizado por parte dos representantes da Prefeitura, através de perfis institucionais, e dos próprios expositores, em seus círculos de consumidores. A divulgação também é veiculada através do Boletim Oficial do Município, conforme ilustra a Figura 7.

Figura 6 - *Banners* confeccionados para divulgação da edição de 1 ano da feira.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - Divulgação da Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras” no Boletim Oficial do Município.



Fonte: Prefeitura Municipal de Bertiooga em

<<http://www.bertiooga.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/BOM-1078-WEB.pdf>>.

De acordo com as respostas, é necessário investir em estratégias de divulgação e comunicação para atrair mais visitantes, visto que muitas vezes o espaço fica esvaziado e acaba por não cumprir seu objetivo econômico. Nesse sentido, houve apontamentos sobre diversificar o local de realização da feira, em vistas de alcançar diferentes públicos. Uma mudança no horário de funcionamento também foi mencionada, sob a justificativa de que o horário praticado atualmente coincide com o horário que o público, principalmente turistas, costuma notadamente frequentar outro espaço de lazer, a praia.

Do ponto de vista da construção do espaço coletivo, foram indicados pontos de melhoria que dizem respeito à união e interação do grupo, estímulo à participação ativa e a formulação de regramentos para a participação. Assim, foi identificado pelos respondentes a necessidade de estabelecer espaços de formação, troca e aprendizagem que oportunizem o encontro e a interação dos expositores em outro momento que não somente durante as feiras, quando, por conta de sua dinâmica, a interação é feita de forma mais superficial e interrompida.

Destacou-se a importância de conduzir, nesses encontros, discussões sobre os conceitos e valores da economia solidária a fim de instrumentalizar o coletivo

para ações mais assertivas e consonantes com os objetivos do grupo, assim guiando-o para uma prática cada vez mais solidária, democrática e autogestionária em direção ao desenvolvimento sustentável.

Um primeiro passo foi dado nesse sentido em meados de dezembro de 2022, quando em parceria com o FESBS, uma roda de conversa sobre economia solidária foi realizada. Com a presença de representantes do Fórum, o intuito do evento foi promover o encontro entre o movimento local de Bertiooga e outras iniciativas de Ecosol da Baixada Santista, a fim de discutir questões ligadas a esse conceito e começar a inserir Bertiooga no mapa da economia solidária da região. A participação não foi expressiva, reunindo cerca de 5 expositores, mas os presentes se engajaram nas questões colocadas e demonstraram interesse em continuar essas discussões. Foi então levantada a necessidade de levar tais questões para o coletivo, a fim de estabelecer um espaço de troca e construção conjunta onde o grupo possa debater sobre os rumos do movimento e como melhor alcançar seus objetivos.

A partir dos resultados apresentados, podemos notar que, apesar de haver alguns pontos a serem trabalhados, o grupo é capaz de reconhecer conceitos da economia solidária na prática, além de identificar a necessidade da criação de espaços de discussão e troca que venham a proporcionar a aproximação do grupo entre si e com a prática da economia solidária.

3.3 Preenchendo lacunas rumo a uma nova economia

Trilhar o caminho da economia solidária representa, para alguns, uma forma de converter o mercado capitalista em mercado solidário, submetendo o primeiro aos princípios da solidariedade e da cooperação. Para outros, a possibilidade de uma alternativa ao sistema vigente, operada concomitantemente a ele, mas regida por princípios solidários. De uma forma ou de outra, empreender o projeto dessa nova economia significa uma tentativa de vincular a questão social à auto-organização popular (BARROS; OLIVEIRA, 2019).

Essa organização, porém, deve se dar sob os princípios norteadores da economia solidária, notadamente a autogestão, a solidariedade, a democracia, a cooperação, a participação coletiva, o igualitarismo e o cuidado com o meio ambiente.

Vimos que esses princípios podem ser observados na realização da Feira "Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras" em Bertioga/SP, de acordo com seus expositores. Entretanto, essa iniciativa é bastante inicial e constitui um grupo que, apesar de apresentar potencial para se desenvolver, não encontra-se altamente organizado e coeso em relação aos seus objetivos e meios de alcançá-los. Portanto, é urgente procurar soluções que visem preencher as lacunas identificadas e assim otimizar esse desenvolvimento.

Procuramos identificar essas lacunas junto aos próprios expositores da feira, buscando oferecer contribuições que possam resultar no fortalecimento desse espaço solidário. Conforme explicitado anteriormente, constituem essas lacunas, principalmente, a necessidade de conceber espaços de aproximação, troca e aprendizado entre os expositores e a dificuldade em divulgar a feira e suas atrações de forma mais efetiva.

Como já mencionado, a apreensão dos conceitos da economia solidária não está dada e requer o esforço de um projeto construído coletivamente para acontecer (BARROS; OLIVEIRA, 2019). A prática da Ecosol possui um caráter pedagógico e oferece oportunidades e ferramentas para que os nela envolvidos possam se relacionar mais intimamente com seus conceitos e, paulatinamente, construir esse aprendizado e caminharem rumo a uma transição solidária (CABRAL, 2005; SILVA, 2021). Entendemos que esse processo deve ser incentivado através de ações que oportunizem esse aprendizado, possibilitando o intercâmbio de saberes, ideias, impressões e desejos referentes ao projeto da feira e ao movimento como um todo.

Essas ações podem assumir diversos formatos, como rodas de conversa, debates, palestras, oficinas, exibição de filmes/documentários seguidos de debate e outros tantos. Mais importante que o formato, porém, é o conteúdo a ser trabalhado nesses encontros, o qual deve munir os participantes de informações fidedignas, transmitidas da forma mais simples e fácil possível, possibilitando o entendimento por parte de todos.

Para essas ações também é importante buscar parcerias, principalmente na esfera regional da Baixada Santista, na figura de outros EES, que possam mediar

esse espaço e, ao mesmo tempo, trazer exemplos bem-sucedidos de experiências no campo da Ecosol que inspirem e motivem o grupo.

Nesse sentido, envolver os participantes da feira em espaços como o FESBS - o qual trabalha a partir de formações para a consolidação de iniciativas de Ecosol no território - pode facilitar o intercâmbio com outras experiências que estão se desenvolvendo na região. Dessa forma, espera-se que a dimensão teórica e conceitual do projeto possa ser explorada, potencializando o processo educativo e impulsionando o desenvolvimento da economia solidária em Bertiooga.

Outra lacuna apontada pelos expositores da Feira de Ecosol de Bertiooga diz respeito à divulgação da feira, visto que a frequência do público é instável e oscila bastante, conforme é possível observar na Tabela 1.

Observam-se picos no número de visitantes ao longo das edições, que podem estar relacionados a eventos pontuais, como as férias escolares que ocorrem no meses de julho e dezembro e a comemoração de 1 ano da feira, realizada na edição do mês de novembro. Entretanto, em outras edições nota-se o esvaziamento da feira, como nas edições de abril e maio. Esse esvaziamento, além de implicar, geralmente, em baixo volume de vendas, pode desestimular a participação dos expositores.

A fim de contornar essa questão, é fundamental que o grupo busque formas de incrementar e intensificar as ações de divulgação da feira. A partir do que já está sendo feito, pode-se incentivar um maior engajamento de todos os expositores na divulgação, de forma que estes se apropriem dessa função e a desempenhem de forma mais sistemática, possibilitando um maior alcance de público.

Tabela 1 - Número de visitantes contabilizados nas 10 últimas edições da Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras”.

DATA DA FEIRA	Nº DE VISITANTES
30/04/2022	41
07/05/2022	42
21/05/2022	35
28/05/2022	29
09/07/2022	151
13/08/2022	109
10/09/2022	89

08/10/2022	90
12/11/2022	182
10/12/2022	106
TOTAL	874

Fonte: elaborado pela autora.

Outro caminho seria diversificar os meios de divulgação, explorando ferramentas diversas que podem atingir um número maior de pessoas. O rádio, a TV e o uso de carro de som e de faixas espalhadas em pontos estratégicos podem representar essa diversificação. Nesses casos, estudar a aplicação do fundo financeiro para esse fim seria uma forma de viabilizar essa ação. Também é possível, estando o grupo articulado, viabilizar esses tipos de divulgação através de parcerias com a iniciativa privada.

Inspirados na experiência da confecção das bandeirolas, relatada anteriormente, os expositores podem se organizar para outra ação nesse sentido. Considerando que houve mudanças na frequência e horário da feira, seria importante atualizar essas informações junto aos pontos contemplados no primeiro momento, bem como buscar outros pontos estratégicos para a instalação das mesmas. Esse tipo de ação, além de incrementar a divulgação da feira, contemplaria também um espaço de interação e troca do grupo, oportunizando o estreitamento dos laços entre os expositores.

Outra sugestão, levantada por uma expositora durante o encontro promovido pela Prefeitura em parceria com o FESBS, aponta para a possibilidade de realizar versões “*pocket*” da Feira de Ecosol em outros pontos da cidade. Realizadas em locais públicos ou privados, teria por objetivo atingir outros públicos e atraí-los para as edições que ocorrem no Viveiro.

Esse formato de feira oportuniza, inclusive, uma aproximação deste espaço solidário com o turismo, setor de atividade preponderante no município (INSTITUTO PÓLIS, 2011), ao ocupar espaços nos quais há maior fluxo de turistas. A partir dessa aproximação, além de alcançar pontualmente veranistas e excursionistas, a feira em seu formato fixo poderia receber um incremento de visitantes. Considerando que o tipo de turismo predominante em Bertiooga é o de modalidade “segunda residência” (RIOS, 2020), implicando em uma certa frequência e/ou recorrência dessas pessoas

na cidade, é possível que incluam a feira em seu circuito turístico e passem a visitá-la também de modo recorrente.

Esse tipo de ação, além de possibilitar uma maior divulgação, também apresenta uma oportunidade de aprendizado e organização do coletivo, já que exigiria um planejamento diferente da versão tradicional da feira.

Não é possível prever aqui quais estratégias seriam mais efetivas para suprir a demanda da divulgação da feira. Por isso acreditamos que devem ser consideradas e debatidas em grupo, e, se assim decidido, colocadas à teste e analisadas posteriormente, buscando entender quais oferecem melhores resultados e devem ser mantidas e aprimoradas.

Há ainda outro ponto que, apesar de não ter sido levantado pelos expositores, merece atenção, sendo este a aprovação do projeto de lei elaborado para a instituição do Programa de Fomento à Economia Solidária. Levantamos esse ponto pois enxergamos a importância da criação de políticas públicas para acessar questões sociais, já que essas, segundo Aguiar e Filho (2018, p. 71) “define(m) o papel do Estado na elaboração das atividades em dar soluções aos conflitos sociais e melhorias na qualidade de vida para a sociedade.”

A formalização de uma lei municipal de economia solidária é importante pois possibilita a consolidação da Ecosol no território para além de ações pontuais de determinados governos, conferindo-lhe um caráter permanente. Tais políticas incentivam o surgimento de novas iniciativas e alavancam as já existentes, estimulando a organização social ao redor do tema (MOROMIZATO et al., 2016).

Há de se considerar, entretanto, que observa-se um certo desinteresse em fomentar esse tipo de economia, visto que é fundamentada em princípios que antagonizam a postura ideológica e política assumida pela maior parte dos governos locais. Por isso é fundamental a articulação daqueles que fazem parte da gestão pública, como vereadores, por exemplo, e enxergam na economia solidária o caminho para um desenvolvimento econômico e social mais justo, igualitário e sustentável (MOROMIZATO et al., 2016).

Para o caso do Programa de Fomento à Economia Solidária de Bertioga, portanto, entendemos que a dinâmica não difere da apresentada. Dessa forma, é essencial que o coletivo da Feira de Ecosol de Bertioga se organize em torno dessa

pauta e busque, junto aos gestores públicos, apoio para pressionar o encaminhamento do projeto de lei para aprovação. Assim, a Feira de Ecosol de Bertioga seria diretamente beneficiada, conforme observado em outros municípios que possuem políticas públicas já consolidadas em algum nível (PEREIRA et al., 2020; AGUIAR; FILHO, 2018; MOROMIZATO et al., 2016).

A partir dos aspectos analisados nesta pesquisa, entendemos que o espaço da Feira “Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras” representa um gérmen da economia solidária no município, uma semente que encerra potencialidade em seu interior. Buscando encaminhar, em um primeiro momento, as questões aqui apontadas, acreditamos que o coletivo terá a chance de se fortalecer e, progressivamente, consolidar sua atuação junto às iniciativas de economia solidária do município e da região, caminhando rumo a uma economia cada vez mais democrática, justa, solidária e compatível com a preservação ambiental.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual sistema econômico capitalista prevalece globalmente e, por seu caráter competitivo e verticalmente hierarquizado, opera de forma a favorecer o individualismo e o agravamento das desigualdades sociais. Na busca por arranjos de trabalho alternativos em um cenário com as características e dinâmicas do município de Bertioga, a economia solidária se apresenta como possibilidade, por meio da construção de um processo produtivo e de distribuição no qual valores como democracia, autogestão, solidariedade, cooperação e respeito ao meio ambiente prevalecem sobre a competição e o individualismo.

Não podemos, contudo, ser ingênuos e acreditar que a potencialidade desse movimento será alcançada sem impasses e desafios. Mas, como bem colocado por Andrada e Esteves (2017, p. 184), “o que importa frisar é que o ceticismo frente a possibilidade de resistir e de construir algo fora do prescrito pelas forças dominantes têm servido historicamente à reprodução capitalista.” Cabe então ao coletivo se fortalecer e empoderar para munir-se dos recursos disponíveis ao seu alcance e trabalhar a favor da construção de uma realidade solidária, reorganizando os arranjos sociais do trabalho e da vida comunitária.

Acreditamos, e esperamos, que as sugestões expostas nesse trabalho possam contribuir para esse processo de fortalecimento e empoderamento do coletivo formado em Bertioga, indicando uma direção no caminho para o melhor desenvolvimento da economia solidária no município.

Esperamos também que esse trabalho possa inspirar mais estudos acerca da temática no território, de forma a aproximar a academia deste e outros coletivos, oferecendo suporte para seu crescimento e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Cintia Maria. **A paisagem da Baixada Santista: urbanização, transformação e conservação**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2006.

AMORIM, Rizioneide Souza. **Feiras de Economia Solidária: fenômeno de socialização ou redescoberta do mercado**. XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Grupo de Trabalho GT06–Economia social e solidária: alternativas de trabalho, participação e mobilização coletiva. Curitiba. 2014.

ANDRADA, Cris F.; ESTEVES, Egeu G. **Sonho, história, loucura? Economia Solidária: um movimento de resistência no mundo do trabalho**. Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção, p. 169-187, 2017.

AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. **Os valores da economia solidária**. Sociologias, p. 282-317, 2009.

BARRETO, Raquel de Oliveira; PAULA, Ana Paula Paes de. **Os dilemas da economia solidária: um estudo acerca da dificuldade de inserção dos indivíduos na lógica cooperativista**. Cadernos Ebape. BR, v. 7, p. 199-213, 2009.

BARROS, Vanessa Andrade de; OLIVEIRA, Fabiana Goulart de. **Cooperação e solidariedade em empreendimentos de economia solidária**. Laboreal, v. 15, n. 1, 2019.

CABRAL, Sueli Maria. **Economia solidária: um processo educativo**. Revista Práxis, v. 1, p. 27-32, 2005.

CALGARO, H. F.; SILVA, Newton José Rodrigues; SANTOS, W.; et al. **Circuitos Alimentares de Proximidades e a Economia Solidária** – Campinas, CATI, 2022.

CAMBIAGHI, Bianca P.; PASSADOR, João Luiz. **Redes de cooperação para desenvolvimento em economia solidária: relato das ações desenvolvidas em São Carlos-SP**. Anais dos Encontros Nacionais de Engenharia e Desenvolvimento Social, 2013.

CUNHA, José Marcos Pinto da; FARIA, Luiz Antonio Chaves de. **Região Metropolitana da Baixada Santista: diversidades socioespaciais na virada para o século XXI**. Campinas, SP: Librum Editora, 2017.

DA SILVA, Eliscleia Alves; DE SENNA, Mary Lúcia Gomes Silveira; LEITE, Raimundo Laerton de Lima. **A importância da Feira Ecosol no aprendizado da Economia Solidária: análise da percepção dos discentes do IFTO**. Revista Sítio Novo, v. 4, n. 1, p. 144-152, 2020.

DE MELO, João Eduardo Branco; LOCKS, Geraldo Augusto. **Fortalecendo a feira de economia solidária do município de Lages/SC**. Vivências, v. 15, n. 29, p. 209-218, 2019.

DE OLIVEIRA, Fábio; DAS NEVES, Tatiana Freitas Stockler; SINGER, Paul Israel. **Entrevista: Paul Singer**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 6, p. 109-111, 2003.

DE OLIVEIRA, Dimas Estevam. **Feira de economia solidária da UNESC (FES-UNESC): espaços coletivos de trocas de sabores e saberes**. Revista Brasileira de Tecnologias Sociais, v. 3, n. 1, p. 83-92, 2016.

DE SOUZA, Lucas Henrique; DOS SANTOS, Luís Miguel Luzio; DA ROCHA, Jean Carlos Mendes. **O caso da Cooperativa de Trabalho de Costureiras Unidas Venceremos: relatos de uma experiência de economia solidária**. DRd-Desenvolvimento Regional em debate, v. 10, p. 76-97, 2020.

FILHO, Valtuir Soares; AGUIAR, Jeissy Leal de Castro. **Políticas públicas de Economia Solidária: um estudo de caso na Prefeitura Municipal de Palmas/TO**. Humanidades & Inovação, v. 5, n. 2, 2018.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C. **Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões**. Revista Estudo & Debate, v. 18, n. 2, 2011.

GAIGER, Luiz Inácio; KUYVEN, Patrícia. **Dimensões e tendências da economia solidária no Brasil**. Sociedade e Estado, v. 34, p. 811-834, 2019.

GAIGER, Luiz Inácio. **A economia solidária diante do modo de produção capitalista**. Caderno CRH, v. 16, n. 39, 2003.

GALLO, Zildo; MARTINS, Lília A. de Toledo Piza; PERES, Maria Thereza Miguel. **Pobreza, meio ambiente e economia solidária: o caso de Piracicaba**. Revista da FAE, v. 8, n. 1, 2005.

GUEDES, Terezinha A., ACORSI, Clédina R. L., MARTINS, Ana Beatriz T., JANEIRO, Vanderly. **Estatística descritiva**. Projeto de ensino: aprender fazendo estatística, p. 1-49, 2005.

IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/bertioga.html>>. Acesso em 28/12/2022.

LEAL, Kamila Soares; RODRIGUES, Marilsa de Sá. **Economia Solidária: conceitos e princípios norteadores**. Humanidades & Inovação, v. 5, n. 11, p. 209-219, 2018.

MOROMIZATO, Mauricio Humberto Fornari; DA SILVA, Maurici Romeu; DE LIMA, Carolina Nascimento Alves; CEREGATTI, Alessandra. **Importância das Políticas Públicas Municipais de Economia Solidária: A experiência de Ubatuba/SP.** Mundo do Trabalho Contemporâneo, v. 1, n. 1, 2016.

NAGEM, Fernanda Abreu; SILVA, Sandro Pereira. **Institucionalização e execução das políticas públicas de economia solidária no Brasil.** Revista de Sociologia e Política, v. 21, p. 159-175, 2013.

PACHECO, Anderson Sasaki Vasques; SANTOS, Maria João; DA SILVA, Karla Vieira; PACHECO, Andressa Sasaki Vasques. **Dos objetivos ao surgimento de uma inovação social: um estudo de caso em uma organização da economia solidária.** P2P E INOVAÇÃO, v. 4, n. 2, p. 119-140, 2018.

PEREIRA, Amanda Souza et al. **As políticas públicas de economia solidária no município de Maricá/RJ.** Mercado de Trabalho: conjuntura e análise, Brasília, n. 70, 2020.

PIGATTI, Ralf Luiz Marasca. **A importância do artesanato na economia solidária em Rio Claro-SP.** 2015. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado Geografia) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro/SP, 2015.

PONTES, Naíza Izabel Soares de. **Análise dos princípios da economia solidária nas atividades de produção, comercialização e gestão no salão do artesanato de Cuité/PB.** Monografia do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano. Universidade Federal de Campina Grande, Cuité/PB, 2017.

REBELO, Raquel Andrade; BUSSARELLO, Flávia Roberta; PRIM, Lorena de Fátima. **Economia solidária e feiras: uma questão da qualidade.** Brazilian Journal of Development, p. 221-237, 2018.

RIOS, Lenimar Gonçalves. **Turismo e desenvolvimento urbano na Região Metropolitana da Baixada Santista: o caso de Bertioga.** XII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

ROCHA, Eduarda Ivone Moraes da; RAMÍREZ, Yunier Sarmiento; PEDRAÇA, Aline dos Santos. **A atividade de artesanato em Manaus: um olhar desde a perspectiva dos empreendimentos em economia solidária.** Anais da 9ª Conferência Científica Internacional da Universidade de Holguín, 2019.

SANTOS, Aline Ferreira dos. **A aplicação dos princípios da economia solidária no artesanato feminino em Montadas, Paraíba.** 2017.

SILVA, Júlio; CAMPOS, Jéssica Lucas Vieira; ALVES, Simone Silva. **Empreendedores sociais a feira de economia solidária de Jaraguão/RS.** Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 9, n. 3, 2017.

SILVA, Raquel Nunes; COSTA, Bianca Aparecida Lima; PRIORE, Silvia Eloiza. **Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária: espaço de socialização e aprendizado.** Revista Ingesta, v. 1, n. 2, p. 223-224, 2019.

SILVA, Newton, J. R. **Transição para a economia solidária: conhecer, praticar e transformar.** Folha Santista, 2021. Disponível em: <<https://folhasantista.com.br/colunas/transicao-para-a-economia-solidaria-conhecer-praticar-e-transformar/>>. Acesso em: 01/02/2023.

SINGER, Paul. **Economia solidária versus economia capitalista.** Sociedade e estado, v. 16, p. 100-112, 2001.

SINGER, Paul. **Ensaio sobre economia solidária.** Leya, 2018.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** Revista SoCERJ, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

VERONESE, Marília Veríssimo; SCHOLZ, Robinson. **A difícil construção da liderança solidária compartilhada.** Século XXI: Revista de Ciências Sociais, v. 3, n. 2, p. 41-64, 2013.

ZÜNDT, Carlos. **Baixada Santista: uso, expansão e ocupação do solo, estruturação de rede urbana regional e metropolização. Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação.** Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 2006.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Instituto de Biociências
Câmpus do Litoral Paulista



PARECER FINAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Discente: CAROLINA DAS NEVES SANTOS

Título: "Economia Solidária em Bertioga/SP: o caso da "Feira Artes e Aromas da Mata Atlântica, Sabores Caiçaras""

Orientador: Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo

Curso/Habilitação: Bacharelado em Ciências Biológicas/Biologia Marinha

COMISSÃO EXAMINADORA	CONCEITO
Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo	4?20UADA
Dr. Newton José Rodrigues da Silva	APROVADA

PARECER:

*Realizou um trabalho por livro de
e que fortaleceu o movimento de economia
solidária em região marinha.*

CONCEITO FINAL:

A Comissão Examinadora abaixo assinada conclui que a discente **Carolina das Neves Santos** obteve o seguinte conceito:



APROVADO



REPROVADO

São Vicente, 25 de janeiro de 2023.


Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo


Dr. Newton José Rodrigues da Silva